



**Site do autor: [livrosqueardem.com](http://livrosqueardem.com)**

### **Nota do Autor: O Cais e o Cruzeiro**

Se me perguntarem onde nasceu a ideia para esta Crônica, não hesitarei: na lembrança de um velho cais.

E talvez também nas carteiras de madeira da escola, onde, na minha geração, o nome de Gil Vicente fazia parte do currículo obrigatório — ainda que poucos suspeitassem que aquele teatro antigo nos preparava, afinal, para reconhecer os farsantes do futuro. Recordo-me de ter assistido à representação da peça na Incrível Almadense.

Quando o teatro se resumia a uma simples barca à espera dos mortos, Gil Vicente, no século XVI, já havia captado a essência da alma humana: o fidalgo, o frade e o sapateiro chegavam cheios de bens e justificações, mas nus perante o Diabo e o Anjo.

O meu “Cruzeiro do Além” não é mais do que a revisitação desse cenário — a eterna alfândega moral — agora adaptada ao nosso tempo. Pensei: o que o Diabo de hoje exigiria? Não mais um escudo, mas um business plan. Não mais o pecado da carne, mas a vaidade do mérito.

Transportei deliberadamente esta crônica para o cenário moçambicano. Não por pensar que tais personagens nos pertencem exclusivamente, mas precisamente pelo contrário: porque suspeito que pertencem a toda a parte. A comédia humana, como certas doenças persistentes, revela-se admiravelmente global.

O impulso para escrever esta crônica veio da percepção de que o nosso inferno já não é o fogo, mas a autojustificação. E assim, com a inestimável inspiração do Mestre Vicente — trocando as velhas tábuas por um balcão da eternidade e a barca por um Cruzeiro Infernal — procurei satirizar os tipos que, cinco séculos depois, continuam a chegar ao Além certos de que merecem um lugar na primeira classe.

A ironia, como o bom vinho, só melhora com os séculos.

Eduardo Janeiro

## **Prólogo —**

### **O Balcão da Eternidade**

Não há nada mais enfadonho do que a chegada de defuntos novos. Vêm todos com a mesma expressão de surpresa, o mesmo ar de quem caiu na

pegadinha de Deus. Uns querem advogado, outros exigem segunda instância. Esquecem-se de que aqui, meus caros, não há habeas corpus — apenas corpus.

Naquela tarde (se é que há tardes no além), o Salão estava particularmente movimentado. A morte andara produtiva. Havia magnatas, deputados, pastores, cirurgiães e até um guarda que, confesso, destoava da pompa geral.

O Sr. Lúcio, meu colega de repartição e superior hierárquico nas coisas do fogo, ajeitou o fraque e abriu o Livro dos Costumes.

— Vamos começar, — disse ele, com a calma de quem sabe que o inferno não tem pressa. — Primeiro, o doutor das minas.

O Dr. Eurico Banze entrou com o telefone de satélite ainda nas mãos, talvez tentando sinal. Vinha impecável, exceto pelo fato amarrotado e a consciência um tanto desbotada. Cumprimentou-nos com a altivez de quem estava acostumado a ser recebido com champanhe e tapete vermelho.

— Boa tarde, senhores. Creio que houve um engano de logística. Vim para o céu corporativo.

O Sr. Lúcio sorriu.

— Ah, meu caro, aqui é o mesmo endereço. Mudaram apenas o nome da placa.

A partir desse momento, começou o desfile da humanidade em sua versão premium. Cada um com a sua defesa, cada um com o seu pecado devidamente justificado.

E eu, humilde escrivão do além, tomava nota. Afinal, todo julgamento é também literatura — e o inferno, convenhamos, é o romance mais coerente já escrito.

## **Capítulo I – O Fato Amarrotado de Dr. Eurico Banze**

“O Fato, senhores, é o último disfarce da alma.”

— Apócrifo atribuído ao Sr. Lúcio.

---

Não há figura mais triste que a de um poderoso em hora de inventário. A morte, ingrata como sempre, não respeita nem a cotação das ações nem o peso do sobrenome. Foi assim que o Dr. Eurico Carlos Banze, magnata da mineração e ex-homem mais rico de Maputo quiçá de Moçambique, deu entrada no Salão das Almas Modernas — sem escolta, sem secretária, sem uma linha sequer de assessor para maquiá-lhe a biografia.

Entrou, contudo, com o mesmo fato de linho italiano, amarrotado por dentro e por fora, e um telefone de satélite nas mãos — talvez imaginando que poderia ligar para o além de primeira classe, ou mandar um e-mail ao Criador, se o Wi-Fi colaborasse.

Cumprimentou-me com o mesmo sorriso que usava nas entrevistas sobre “responsabilidade social”.

— Boa tarde. Creio que houve um lapso de triagem. Sou o Dr. Eurico. Tenho reserva no Paraíso Executivo.

Olhei para o Sr. Lúcio, que já arrumava as abas do fraque negro, como quem se prepara para uma boa conversa — ou para um espetáculo.

— Todos têm, doutor — respondeu ele. — Mas a companhia aérea cancelou o voo há séculos.

O Dr. Eurico fingiu rir, talvez esperando aplausos. Quando percebeu ausência de qualquer manifestação, tirou do bolso um cartão dourado, reluzente, com o logotipo da sua holding: Minas do Futuro S.A.

— Trouxe uma contribuição — disse, deslizando o cartão sobre a mesa. — Um pequeno gesto de gratidão eterna.

O Sr. Lúcio analisou o cartão como quem lê uma escritura inútil.

— A gratidão, doutor, é moeda sem curso neste território. Aceitamos apenas o peso moral, e esse, infelizmente, está em baixa.

O magnata franziu o cenho, mas não se deu por vencido.

— Veja bem, eu sempre fui homem de mérito. Empreguei milhares. Fiz o PIB crescer. Se alguns morreram, foi o preço do progresso. Não se constrói riqueza sem alguns sacrifícios... é a lei natural das coisas — disse ele, ajeitando a gravata, como se citasse Darwin em versão corporativa.

— Ah, o darwinismo social — respondeu o Sr. Lúcio, folheando o Livro dos Costumes. — Faz tempo que não o ouvia com tanta convicção. Continue, por favor.

— Pois é — prosseguiu o doutor —, creio que a minha fortuna foi a expressão mais pura da meritocracia. Trabalhei, investi, arrisquei. Sou um vencedor, um exemplo para a juventude.

— E para os sindicatos? — perguntei, por curiosidade profissional.

Ele me lançou um olhar misto de desdém e piedade.

— Os sindicatos são o câncer do mérito. Gente preguiçosa que reclama do próprio destino.

O Sr. Lúcio bateu palmas, sorrindo.

— Bravo! Eis o discurso perfeito para a eternidade. Veja, meu caro, aqui no inferno o mérito também é valorizado — quanto maior o pecado, maior a distinção.

O Dr. Eurico pareceu animar-se.

— Então há hierarquia?

— Evidente — respondeu o Sr. Lúcio. — Temos alas exclusivas para magnatas, executivos e influenciadores morais. Há inclusive um clube reservado, o Círculo dos Beneméritos do Capital. Lá, cada condenado discursa sobre suas boas intenções e é aplaudido até o fogo subir.

— Um clube? Com aplausos? — o doutor ergueu o queixo, quase satisfeito. — E o acesso é restrito?

— Bastante. Só entram os que exploraram com eficiência e sorriram com sinceridade ao fazê-lo.

O magnata suspirou, aliviado. Parecia, enfim, em casa.

O Sr. Lúcio então escreveu algo no grande livro, fechou-o com um estalo e declarou:

— Dr. Eurico Carlos Banze, por excelência na arte de justificar o injustificável, por méritos na exploração estética do próximo e por

transformar a miséria alheia em dividendos espirituais, está oficialmente promovido ao Cruzeiro Infernal – Ala Premium, cabine de luxo com vista para a chama eterna.

O doutor agradeceu, como quem recebe uma condecoração. Antes de partir, perguntou:

— E quanto tempo dura o cruzeiro?

O Sr. Lúcio sorriu:

— Depende da liquidez da sua consciência.

Ele entrou na embarcação dourada, levando o telefone de satélite consigo — talvez para tentar sinal entre as chamas.

Quando o barco partiu, o Sr. Lúcio virou-se para mim, com aquele humor de quem já viu o fim do mundo repetidas vezes:

— Sabe o que me diverte, caro escrivão? É que todos eles morrem achando que estão vivos.

E retomou sua leitura, à espera do próximo defunto.

## **Capítulo II – O Deputado das Oportunidades**

“A corrupção, quando refinada, é uma arte de sobrevivência.”

— Sr. Lúcio, durante sessão plenária no além.

---

O segundo a entrar foi o Deputado Elisio Mabunda — nome que, em vida, circulou entre comissões, empreiteiras e manchetes discretas de jornal.

Chegou trazendo uma pasta vazia e um discurso pronto, como quem comparece não a um julgamento, mas a um debate .

Aparentava cansaço, desses que a alma adquire de tanto negociar a própria honra.

— Boa noite, senhores — disse, acendendo um charuto que, para espanto geral, não se apagava. — Presumo que esta seja a Comissão de Ética Celestial.

— Quase — respondeu o Sr. Lúcio, erguendo uma sobrancelha. — Somos apenas o Setor de Triagem Moral. Não julgamos, apenas registramos a coerência entre o discurso e o destino.

— Perfeito! — exclamou Mabunda. — Sou homem de discurso.

O Sr. Lúcio convidou-o a sentar-se. O deputado ajeitou-se na poltrona como se fosse líder de bancada, e abriu a pasta: vazia, mas repleta de intenções.

— Diga-nos, deputado — comecei eu, com minha pena já pronta —, qual é a sua defesa?

Ele sorriu com aquela serenidade dos que já transformaram o vício em vocação.

— Nenhuma defesa, meus caros. Apenas uma explicação filosófica.

— A filosofia é o último refúgio dos culpados — comentou o Sr.

Lúcio. — Mas prossiga.

— Aristóteles — começou o deputado — dizia que a virtude está no meio termo. Eu apenas procurei o equilíbrio entre o bem público e o meu bem privado. Uma redistribuição eficiente de oportunidades, sempre em meu favor, é claro.

— Lindo — murmurou o Sr. Lúcio. — E quando o senhor legislava em causa própria, o fazia por amor à pátria, imagino?

— Evidente! — respondeu o deputado. — O país precisava de estabilidade. Ora, quem melhor do que eu para garanti-la?

— De fato — ironizou o escrivão (eu, modestamente). — Não há estabilidade maior que a de um corrupto bem instalado.

O deputado riu, sem notar o tom.

— Além do mais — prosseguiu —, nunca roubei por ganância. Roubei por convicção. A corrupção, senhores, é a única forma de equilíbrio entre o poder e a impotência.

O Sr. Lúcio ergueu-se, foi até a janela — se é que no inferno se pode chamar assim um vão de chamas — e contemplou o horizonte incandescente.

— Sabe o que me encanta no vosso ofício, deputado? — perguntou. — É a sinceridade retroativa. Só os mortos dizem a verdade, e mesmo assim, por cálculo.

— Não vejo problema nisso — respondeu Mabunda. — O importante é que o discurso continue coerente.

— Ah, coerência... — suspirou o Sr. Lúcio. — A virtude mais rara e mais inútil dos políticos.

Virou-se para mim e ditou, com voz de escriba que decreta destinos:

— Registre-se: O deputado Elisio Mabunda, por mérito na administração das aparências e excelência em contornar leis, é promovido à Ala de Gestão Pública do Cruzeiro Infernal.

O deputado levantou-se satisfeito.

— Gestão pública? Ótimo! Sempre me senti vocacionado para o serviço eterno.

— De fato — disse o Sr. Lúcio, oferecendo-lhe um brinde. — O fogo é o orçamento: eterno, mas sempre insuficiente.

Enquanto Mabunda embarcava em sua nau, ainda calculando futuras alianças infernais, o Sr. Lúcio encostou-se na mesa e suspirou:

— Sabe, caro escrivão, há um detalhe curioso sobre o inferno: aqui, o índice de aprovação é sempre de cem por cento.(ou quase como veremos mais adiante)

E riu, como quem aplaude a própria desgraça.

### **Capítulo III – O Pastor e o Casaco de Caxemira**

“A fé, quando cotada em bolsa, perde o valor e ganha audiência.”

— Sr. Lúcio, em entrevista ao canal Eternidade News.

---

O terceiro a entrar no Salão era o Pastor Elias Matambo, conhecido em vida como “o Apóstolo da Prosperidade”.

Vinha sem batina — trocara o pano humilde por um casaco de caxemira inglesa, e o crucifixo por um relógio suíço que piscava como estrela de neon.

Atrás dele, uma moça jovem, de olhar obediente e sorriso publicitário, carregava uma maleta com papéis e frascos de perfume com o rótulo Milagre em Spray™.

— Boa tarde, senhores — disse o pastor, com voz modulada de quem aprendeu a pronunciar “Aleluia” como quem anuncia um produto. — Vim esclarecer certos mal-entendidos teológicos.

O Sr. Lúcio levantou os olhos do Livro dos Costumes e observou-o como quem reconhece um velho colega de profissão.

— Ah, o senhor é o que multiplicava bênçãos em rede nacional, correto?

— Sim, mas com absoluta transparência contábilística! — respondeu o pastor, apressado. — Tudo declarado: os dízimos, as doações, até o jato particular. Afinal, Deus também gosta de conforto.

— E a moça? — perguntei, apontando discretamente para a assistente.

— A irmã Jéssica. Auxilia-me nas transmissões e nas viagens missionárias. Um espírito puro.

O Sr. Lúcio sorriu.

— Imagino. E de grande dedicação pastoral.

A moça corou, como quem entende mais do que devia.

O Pastor Elias sentou-se, cruzou as pernas e abriu a pasta cheia de estatísticas.

— Olhem estes números, senhores. Em dez anos, aumentei o PIB da fé em quarenta por cento. Construí templos, televisei esperanças, curei até a audiência. O milagre é o melhor investimento.

— E o lucro? — perguntei.

— Lucro? — ele riu. — Apenas retorno espiritual. O helicóptero, por exemplo, servia para evangelizar regiões de difícil acesso.

— Inclusive resorts — completou o Sr. Lúcio.

— Missões de alto padrão — corrigiu o pastor, sem pestanejar. — O Senhor não nos quer miseráveis.

O Sr. Lúcio apoiou o queixo na mão e o observou com ternura diabólica.

— Diga-me, pastor: quando começou a confundir fé com marketing?

O pastor suspirou.

— Meu caro, se São Paulo tivesse Instagram, teria convertido o mundo inteiro.

O diabo gargalhou.

— Perfeito! Um santo influenciador!

Houve um silêncio. O ar cheirava a perfume sagrado e ironia antiga.

— Pois bem — disse o Sr. Lúcio, levantando-se. — O senhor será destinado à Ala de Comunicação Celestial do Cruzeiro Infernal. Lá, poderá continuar sua missão de convencer os condenados de que ainda há esperança — enquanto cobra por cada prece, naturalmente.

O pastor Elias pareceu aliviado.

— E terei direito a programa próprio?

— Terá uma emissora inteira — respondeu o Sr. Lúcio. — Chama-se Canal das Lágrimas. A audiência é cativa, e o calor... permanente.

O pastor fez o sinal da cruz — invertido, sem perceber — e embarcou, seguido pela jovem assistente, que ainda tentava ajustar o microfone.

Quando o barco partiu, ouviu-se um eco distante:

“Oferta especial! Três orações pelo preço de duas!”

O Sr. Lúcio virou-se para mim, divertido.

— Sabe, caro escrivão, o inferno já não precisa de missionários. Eles chegam prontos, com vinheta e patrocinador.

E voltou à leitura do livro, enquanto a fumaça de incenso e vaidade se dissipava lentamente pelo salão.

#### **Capítulo IV – A Deusa do Bisturi**

“Se Deus nos fez à Sua imagem, foi apenas para que os homens inventassem a cirurgia plástica.”

— Sr. Lúcio, após uma consulta com a Dra. Elza Satar.

---

A quarta chegada foi anunciada com perfume caro e passos de salto alto.

A porta do Salão abriu-se, e uma mulher de meia-idade, pele lisa como porcelana e expressão tensa de quem vive em guerra com o tempo, atravessou o umbral.

Era a Dra. Elza Satar cirurgiã plástica de renome internacional — ou, como preferia apresentar-se, artista da carne humana.

Trazia uma maleta metálica com instrumentos de precisão — bisturis de diamante, seringas douradas, frascos de botox eterno.

O jaleco branco cintilava, e seu crachá ainda pendia do bolso:

“Transformando Vidas Desde 1997.”

O Sr. Lúcio a recebeu com um leve inclinar de cabeça.

— Seja bem-vinda, doutora. O consultório é logo adiante, mas temo que o paciente, aqui, seja outro.

Ela sorriu, com aquele sorriso estudado, que mistura autopromoção e desprezo.

— Presumo que seja uma auditoria ética. Não tenho o que temer. A beleza é o maior bem que um médico pode oferecer.

— Ah, a beleza... — suspirou o Sr. Lúcio. — O único vício que ainda se confunde com virtude.

Ela sentou-se, cruzando as pernas com a precisão de quem ensaiou cada gesto para parecer natural.

— Eu apenas atendi à demanda, meus caros. O ser humano nasceu imperfeito, e eu, com meu talento, dei-lhe uma segunda chance. Não é pecado corrigir a obra de Deus — é aperfeiçoá-la.

— Corrigir a obra de Deus? — perguntei, curioso. — Isso se chama fé ou soberba?

— Chame de progresso estético — respondeu ela, sem hesitar. — A ciência liberta. Cada rosto que modifiquei, cada corpo que redesenhei, foi um ato de amor à autoestima.

O Sr. Lúcio folheou o Livro dos Costumes e parou numa página amarelada.

— Aqui consta que muitos desses rostos terminaram deformados, e alguns, mortos.

— Acidentes, meu caro! — disse ela, com voz firme. — O risco é parte da beleza. O mundo quer milagres, e eu apenas cobre o preço justo — simbólico, um rim, talvez dois.

— Simbólico, sem dúvida — comentou o diabo. — No inferno, chamamos isso de plano premium.

Ela ajeitou o colar de pérolas, irritada.

— O senhor julga me, mas esquece que fui a única a mulher a dirigir uma clínica de luxo em cinco países. Transformei dor em lucro e insegurança em arte.

— E consciência em silicone — acrescentei, talvez alto demais.

Ela me lançou um olhar que valeria uma consulta de mil dólares.

O Sr. Lúcio levantou-se lentamente, aproximou-se dela e disse com um sorriso:

— Doutora, a senhora realmente acredita que a beleza salva?

— A beleza redime, Sr. Lúcio. Os feios são infelizes, os bonitos são perdoados. Sempre foi assim.

— Pois então — replicou ele —, está perdoada. O inferno é lindo, visto de longe.

Anotou algo no livro e declarou:

— Dra. Elza Satar, por excelência na arte de maquiar a decadência humana, por elevar a vaidade ao patamar de religião e por promover cirurgias espirituais à base de anestesia moral, será enviada à Ala Estética do Cruzeiro Infernal.

Ela ergueu o queixo, satisfeita.

— Ala Estética? Perfeito. Espero que a luz seja boa.

— É ótima — respondeu o Sr. Lúcio. — Vem diretamente das chamas.

Não há filtro que resista.

E assim ela partiu, com passos firmes, sem perceber que o chão refletia não o seu rosto rejuvenescido, mas a própria alma — enrugada, gasta, irremediável.

Quando a porta se fechou, o Sr. Lúcio suspirou:

— O bisturi, caro escrivão, é apenas uma pena afiada. Ambos cortam, ambos iludem, e ambos deixam cicatriz.

## **CAPÍTULO V – O GUARDA E O VELEIRO SILENCIOSO**

A sala celestial já estava quase vazia quando o último nome foi chamado.

O Sr. Lúcio, ajeitando os punhos da casaca — agora manchada de perfume clerical e poeira de ouro empresarial — bocejou.

E eis que o Anjo aparece e intervém ,o que é mau presságio.

O Anjo, com o mesmo semblante tranquilo de sempre , leu:

— Joaquim Elias Mabote, guarda.

Um murmúrio correu pelo salão. Depois de banqueiros, deputados, cirurgiães e padres milionários, o nome soava como uma nota fora do compasso. O próprio Sr. Lúcio franziu o cenho:

— Guarda? Mas que cargo é esse, meu caro? Porteiro do Purgatório?

A porta abriu-se, e entrou um homem magro, de mãos encardidas e olhar sereno. O uniforme, gasto, cheirava a sabão mainato e honestidade.

Ele parou diante do tribunal sem saber onde pôr as mãos.

— O senhor Joaquim, — disse o Anjo — zelou, durante quarenta anos, por um edifício no subúrbio.

— Um edifício? — interrompeu Lúcio, — que espécie de pecado se comete num edifício?

— Nenhum, ao que parece. — respondeu o Anjo. — O homem trabalhou, limpou escadas, consertou torneiras, ouviu brigas de vizinhos, devolveu carteiras perdidas e, ao que consta, nunca mentiu, nem mesmo por conveniência.

Lúcio arqueou a sobrancelha.

— Nunca mentiu? Está-me a dizer que viveu entre homens e resistiu à tentação da hipocrisia? Impossível.

Joaquim coçou a cabeça, envergonhado.

— Olhe, Boss... às vezes eu calava, pra não piorar as coisas. Isso conta como mentira?

O Anjo sorriu. O Diabo virou-se, aborrecido, e folheou o grande livro dos pecados. As páginas passavam, em branco. Nenhuma anotação. Nenhuma dívida moral.

— Pois bem — disse Lúcio, fechando o tomo com um estalo —, há aqui um engano administrativo. Se este homem não cometeu crime, não há material para julgamento.

O Anjo apenas fez um gesto. Lá fora, ouviu-se o bater suave de velas. Um pequeno veleiro aproximava-se do cais. Branco, silencioso, sem bandeira.

Joaquim olhou curioso:

— É pra eu limpar o barco, senhor Anjo?

— Não. — respondeu o Anjo, — É para embarcar.

O guarda tirou o boné, fez o sinal da cruz por hábito e subiu. O veleiro partiu devagar, sem vento, sem rumo aparente. Nenhum som, exceto o da água abrindo caminho.

O Sr. Lúcio acompanhou a embarcação com os olhos até que desaparecesse no nevoeiro. Depois, voltou-se para o Anjo e comentou, com aquele humor que misturava tédio e lucidez:

— Um homem que viveu limpo e morreu pobre. Que espécie de espetáculo é esse?

— O mais raro, — respondeu o Anjo. — O da virtude sem testemunhas.

Lúcio suspirou, acendendo um charuto invisível.

— E pensar que o Inferno vive lotado de virtuosos profissionais...

E, enquanto o fumo subia — ou descia, conforme o ponto de vista —, o veleiro seguia, solitário, cortando o mar etéreo. Nenhum anjo cantou, nenhum demônio zombou. Apenas o silêncio — esse velho mordomo da eternidade — o acompanhou até desaparecer.

## **CAPÍTULO VI – O ÚLTIMO CÉU**

O salão estava vazio. Restavam apenas o Sr. Lúcio e o Anjo — duas figuras sentadas em lados opostos de uma mesma eternidade. Entre ambos, a mesa de mármore com os nomes riscados: banqueiros, doutores, pastores, deputados, todos encaminhados com a etiqueta adequada, como malas extraviadas num aeroporto moral.

O silêncio — espesso, quase sólido — foi quebrado pela voz pausada do Diabo:

— Diga-me, caro colega, o que fazemos agora que a fila terminou?

O Anjo fechou o livro e soprou o pó das páginas.

— Esperamos. Sempre há mais alguém a chegar.

Lúcio riu, aquele riso cansado de quem já viu tudo e nada mais o surpreende.

— Esperar... é o verbo mais humano que já inventaram. Passaram a vida a esperar — por fortuna, por perdão, por salvação — e agora esperam aqui, por um veredito que nunca entenderão.

O Anjo não respondeu. Limitou-se a olhar para o horizonte, onde o Veleiro Silencioso desaparecera.

— Aquele homem... — disse Lúcio, depois de um tempo. — O guarda .

— Joaquim.

— Isso. Um nome simples demais para a eternidade.

Fez uma pausa.

— Foi salvo, não?

— Não se “salva” o que já nasceu puro. Ele apenas voltou para casa.

O Diabo tamborilou os dedos na mesa.

— Sempre tive inveja desses. São tão desinteressantes que escapam à literatura. Nenhum vício, nenhum conflito, nenhum prazer secreto... como é que se escreve uma alma assim?

— Não se escreve — disse o Anjo. — Apenas se recorda.

Lúcio levantou-se. Andou pelo salão, os passos ecoando.

— E os outros? O doutor das minas, o deputado, o pastor, a cirurgiã... todos com títulos, justificações, frases de efeito. Têm retórica até para explicar o próprio egoísmo.

— E o senhor não os admira por isso? — perguntou o Anjo, sereno.

— Admiração é um luxo que já gastei. Eu os entendo. A mentira é o cimento do mundo — sem ela, as casas ruiriam e os casamentos também. Mas aquele homem... ah, aquele homem me desconcertou. Nenhuma desculpa, nenhuma filosofia. Apenas silêncio e trabalho.

O Anjo fechou os olhos por um instante, como quem reza sem palavras.

— É que a bondade verdadeira não precisa de plateia.

Lúcio sorriu, com certa melancolia.

— Então, o Céu seria o lugar dos discretos?

— Não. — respondeu o Anjo. — O Céu é o lugar de quem não percebeu que estava fazendo o bem.

O Diabo voltou-se para o espelho no fundo do salão — e o espelho, como todo bom espelho, devolveu-lhe a imagem invertida: uma figura humana demais.

— Engraçado — disse ele, — sempre pensei que o Inferno fosse o contrário da Terra. Mas começo a suspeitar que é apenas o mesmo lugar... com melhor acústica.

O Anjo não negou. Sorriu apenas, aquele sorriso que não promete nada.

Lúcio recolheu sua bengala, pôs o chapéu e, antes de sair, murmurou:

— Pois que fique escrito: os homens continuam a confundir vaidade com virtude, caridade com lucro, fé com marketing. E nós, velhos funcionários da Eternidade, continuamos a arquivar seus pedidos de absolvição... em pastas duplicadas.

E partiu, arrastando o som de seus passos por entre colunas invisíveis.

O Anjo ficou só.

O mar, lá fora, voltava a brilhar sob uma luz que não era deste mundo.

E ao longe — muito longe — um ponto branco movia-se sobre as águas.

O Veleiro Silencioso seguia seu curso.

Nem Céu, nem Inferno. Apenas o infinito.

**EPÍLOGO — A CRÔNICA DO INFERNO**

Leitor, permita-me um aparte antes que se fechem as cortinas deste pequeno teatro moral.

Sim, eu — o antigo Escrivão Geral das almas indeferidas, o vosso narrador invisível — tomo a pena por um instante. O Anjo, como sempre, ausentou-se. Diz que prefere o silêncio. Eu, que prefiro o rumor das palavras, fico com o encargo de concluir esta história — ou, se quiseres, este relatório administrativo sobre a humanidade.

Nos últimos dias, passaram por este salão mais doutores do que santos, mais investidores do que inocentes, mais discursos do que arrependimentos. Uns vieram com citações de Aristóteles, outros com comprovantes de doações filantrópicas. Todos, sem exceção, trouxeram um alibi: “O Sr. Lucio apenas seguiu as regras do jogo.”

Ah, o jogo... palavra santa. Cada século inventa o seu, muda o tabuleiro, mas conserva as peças: ambição, vaidade, disfarce e medo.

Se me permitem a franqueza, o Inferno moderno já não precisa de fogo. O calor moral dos vivos basta.

Houve, contudo, uma exceção: Joaquim, o guarda .

Veio sem defesa, sem advogado, sem currículo. Nenhuma palavra a seu favor. Nenhuma contra. Entrou calado e saiu no veleiro que os poetas chamariam de “esperança”, mas que aqui chamamos apenas de “barco de serviço”.

Enquanto os outros se justificavam com brilho, ele partiu com humildade. E nisso reside o paradoxo: quanto mais o homem tenta explicar-se, mais condenado se torna à própria retórica. A inocência não argumenta.

Recordo-me de uma velha anedota que circula entre nós, aqui em baixo:

“Os anjos anotam as ações; nós, os motivos.”

E, convenhamos, o motivo é quase sempre o mesmo — lucro, aplauso ou desejo. Mudam os séculos, mudam os trajes, muda o vocabulário moral, mas o ego permanece de fato bem passado.

O Inferno, caro leitor, não é punição: é apenas o prolongamento natural da vida civilizada. Aqui, todos continuam como eram — só que sem maquiagem. O banqueiro fala de “mérito”, o pastor de “propósito”, o político de “vocação pública”, e a cirurgiã, ah, continua vendendo juventude a quem já morreu por dentro.

Costumo dizer que somos apenas o espelho que os vivos recusam.

Talvez o Anjo tenha razão — talvez o verdadeiro Céu seja o esquecimento. Mas enquanto houver memória, haverá crônica. E enquanto houver crônica, haverá ironia.

Agora, se me permites um último conselho — gratuito, o que já é raro —:

Vive com a leveza de quem não precisa explicar-se.

Age sem a intenção de ser lembrado.

Porque, no fim, os salvos são sempre os distraídos.

O mar, lá fora, continua calmo.

E eu, vosso modesto cronista do abismo, fecho o livro com um sorriso.

O Escrivão -Geral do Inferno e cronista eventual das almas humanas

FIM